QUANTOS ANOS HAVIAM SE PASSADO desde que conheci aquela estranha criaturinha? Tentei calcular quanto tempo havia sido, mas, em certo ponto,

desisti completamente de acompanhar a data. Sua presença simplesmente fazia parte da vida agora, e cada novo dia se parecia tanto com o anterior que todos se misturavam. No rio do tempo, eu era uma pedrinha.

“O que houve?”, ela perguntou calmamente, com a voz curiosamente imune ao fato de eu estar apertando suas bochechas macias.

Nossa, elas realmente esticam bastante. “Nada. Não se preocupe com essa sua cabecinha bonita.”

“Se você diz.” Concordando de forma amigável, ela foi para o lado oposto da fogueira. Quando se sentou, no entanto, percebeu que as bochechas ainda estavam esticadas e começou a apertá-las de volta ao formato normal.

Vou fingir que não vi isso.

As chamas da fogueira cortavam um pequeno buraco no véu de sombras, revelando um vislumbre dos arredores. Com os cotovelos apoiados nos joelhos dobrados, fiquei olhando distraidamente para a paisagem. A vegetação havia tomado posse dos outrora grandiosos prédios, e parecia que aquela área também estava praticamente abandonada — exceto por nós duas, aninhadas no vazio, tendo apenas nossas respirações como companhia. E a minha soava tão lenta e fraca que eu não precisava de um espelho para saber que estava exausta.

Eu havia esquecido de observar o sol enquanto caminhava. Num piscar de olhos, ele afundou sob o horizonte, e a escuridão me deixou sonolenta.

Minha cabeça escorregou da palma onde estava apoiada, e meu corpo tombou para a frente. Minha consciência afundava ainda mais rápido, como se estivesse presa em areia movediça. *Por que criaturas vivas precisam dormir, afinal?* Me perguntei, imaginando silenciosamente o que havia além da escuridão. *Se ao menos eu pudesse continuar… Se nunca precisasse parar… eu iria tão mais longe…*

“Aliás, quando vamos jantar, Chito-san?”

O som do meu nome varreu para longe a sonolência agradável. Agora que as bochechas da minha companheira estavam de volta ao normal, ela já estava, mais uma vez, exigindo comida.

“Ah, é. Me dá um segundo.”

Seguindo o seu pedido, olhei ao redor e então peguei uma das frutas vermelhas que ameaçavam cair da minha mochila. Tinha levado meio dia correndo de um lado para o outro só para encontrá-las, e, ao segurá-la na palma da mão, senti o peso nos ombros ficar ainda maior.

“Não faço ideia se é venenosa, mas tá aqui.”

“Nhac, nhac.”

Eu estava brincando, claro; sabia muito bem que as frutas eram seguras. Ainda assim, aquela criaturinha comia não só a casca, mas também o miolo amargo. Como eu não podia me dar ao luxo de desperdiçar comida, já havia tentado

fazer o mesmo, mas fracassei miseravelmente. Em outra ocasião, encontrei-a comendo algo do chão e supus que também fosse seguro para mim, só para acabar lutando contra alucinações em tons de arco-íris que duraram horas. Essas experiências me ensinaram rapidamente a não seguir os hábitos alimentares dela.

Os dentes dela eram outro mistério; cada mordida fazia um corte perfeitamente reto na fruta. E, como esperado, com um ritmo de mastigadas crocantes, ela devorou tudo, miolo incluso. Satisfeita, começou a balançar de um lado para o outro no ritmo da fogueira. Quando seu cabelo oscilava, lançava faíscas pelo ar. Sempre que eu tentava pegar uma na ponta do dedo, ela se desfazia no nada.

Como a fogueira, minha companheira era uma importante fonte de calor e luz.

“Me conta outra história.”

Depois de viajar o dia todo, eu não tinha a menor intenção de me mexer nem um milímetro. Em momentos assim, o que mais me confortava era ouvi-la tagarelar sobre alguma coisa, sabendo que certamente eu dormiria antes que terminasse.

“Tem mais daquela que você me contou da última vez?”

“Ah, aquela?” Seus olhos roxo-escuros se fixaram nos meus por um instante. Então, ela os fechou e apoiou as mãos sobre os joelhos pequenos e ossudos. “Deixa eu pensar…”

Se cada palavra dela fosse digna de crédito, então aquela historinha boba se passava mais de 3.700 anos no passado.

***

“Sabe aquelas anedotas sobre mal-entendidos bobos que as crianças às vezes têm?”

“Ah… sei? O que tem?”

“Quando eu era pequena, tinha uma loja de arte local chamada *Realm Art*, e eu sempre achei que se chamava *Real Mart* por algum motivo.”

“Você achava…?”

“Sim.”

Caminhávamos pela rua, com os olhos no semáforo à frente. *O que íamos comprar mesmo? Acho que eu estava com vontade de geleia de morango…* Enquanto revirava a memória, senti um olhar sobre mim. Era o da Adachi, que parecia esperar pacientemente que eu continuasse.

“É só isso”, expliquei. “Fim da história.”

“Ah… tá bom, então.” Ela franziu a testa e olhou para frente.

“O quê? A gente tá indo pra loja, então eu só tava falando sobre lojas.”

“Sim, eu sei. Você é sempre assim.”

“Assim como?”

“Assim.”

O que isso quer dizer?!

Às vezes, caminhar do condomínio até o mercado era tão leve quanto um passeio no meio do dia; outras, parecia uma marcha da morte. Hoje era um dos dias bons, em parte porque era fim de semana. Com Adachi ao meu lado, eu seguia despreocupada sob o céu azul e limpo. O mês de maio mal havia começado, mas já estava tão quente quanto junho. Se eu inclinasse a cabeça para trás, provavelmente sentiria o suor escorrendo pelo pescoço.

No momento em que entramos na loja e sentimos o leve frescor do ar-condicionado, senti algo parecido com um alívio profundo. Antes que eu pudesse pegar uma das cestas vermelhas perto da entrada, Adachi pegou uma para mim.

“Mas que atenciosa, minha querida Adachi-chan.” Eu estava tentando soar como uma dama rica, mas Adachi me lançou um olhar estranho. Confusa, esperei que ela explicasse.

“...Você tá parecendo a sua mãe”, ela disse.

“Urgh...” Aquilo soou como um lembrete cruel de que eu estava envelhecendo — não que eu me importasse, mas era difícil aceitar sem hesitar. “Ho ho ho ho! Oh, Adachi-san, você é simplesmente demais... Me diga, não tem nenhuma madame esnobe assim no seu trabalho?”

Dei um empurrãozinho de leve no ombro dela; ela se inclinou para o lado de forma obediente, forçando um sorriso. “Não...? Existe mesmo alguém no mundo que ria desse jeito?”

“Não tenho certeza.” Hino era a mulher mais rica que eu conhecia, e nem ela ria assim.

Adachi e eu trabalhávamos em empresas diferentes — já que, como ela mesma dizia, “A gente nunca ia conseguir fazer nada juntas.” Considerando que era a mesma pessoa que, na adolescência, queria fazer tudo ao meu lado, talvez isso fosse prova de que ela havia amadurecido... ou se acalmado. De qualquer forma, eu me sentia como uma mãe orgulhosa.

Brincadeiras à parte, eu ficava feliz em ver que ela havia encontrado um certo senso de segurança. Talvez, ao longo dos anos, ela tivesse desenvolvido uma compreensão mais firme dos meus sentimentos... e talvez eu tivesse ficado melhor em expressá-los. *Nossa, tomara que sim.*

Com a Adachi encarregada de carregar a cesta, fomos serpenteando pelos corredores. Assobiando baixinho, deslizei o dedo indicador pelo ar como se estivesse traçando o contorno de todas as frutas e legumes, um por um. Algo parecido com uma nota musical vibrante surgiu na minha mente enquanto eu imaginava o sabor de cada um — provavelmente porque eu estava com fome.

“Você sempre se diverte no supermercado, né, Shimamura?”

“Você acha?” Pensei no tempo que já tínhamos passado ali e… sim, eu estava de bom humor. “Bom, quer dizer… não é divertido ver todas essas montanhas de frutas e coisas?”

“Uhhh…”

Pelo visto, ela não estava muito inclinada a concordar. Mas tudo bem, ela tinha direito à opinião dela, assim como eu tinha à minha.

Voltei a admirar as pilhas de bananas e as cerejas dispostas em caixinhas organizadas. Talvez por causa de todas aquelas cores vivas, olhar para elas fazia meu coração se elevar, e, ao passarmos pelas fileiras impecáveis de abacaxis, senti o cheiro azedinho praticamente se infiltrar no meu peito. No entanto, claramente não era uma experiência universal; mesmo estando ali ao meu lado, a perspectiva da Adachi parecia completamente diferente. Talvez, para alguém com tão pouco interesse por comida, simplesmente não houvesse muito o que aproveitar.

Conhecendo a Adachi, se eu pedisse para ela descrever o que estava vendo, a resposta seria simples e direta: “Ahm… o corredor de hortifruti?” E ela estaria certa, é claro.

Enquanto andávamos, ela semicerrava os olhos para as prateleiras, como se procurasse por algo.

“Você não precisa forçar,” eu disse.

“Eu sei,” respondeu ela, ainda examinando o ambiente. “Mas quando você tá se divertindo e eu não… acho que me sinto meio de fora.”

Em resposta, estendi a mão e comecei a acariciar o cabelo dela. Hoje em dia, ela deixava crescer um pouco mais do que no tempo de escola.

“O-o quê?” ela perguntou.

“Ah, você é fofa, só isso.”

Ela fez um biquinho de desagrado. Como sempre, minha garotinha mal-humorada não gostava de ser tratada como criança. A reação dela me lembrou de como minha irmãzinha tinha me olhado com cara feia, anos atrás. Quando tentei continuar fazendo carinho, Adachi agarrou minha mão e, enquanto eu me perguntava o que ela ia fazer com ela—

“N-nhac nhac!”

“Aaagh!”

Por algum motivo, meu dedo médio agora estava dentro da boca da Adachi.

Ela congelou, o rosto suado, enquanto seus dentes da frente afundavam só de leve na minha pele. Fiquei ali esperando, mas ela não se mexeu nem um pouco. Pelo visto, não tinha pensado no que fazer depois. O rosto dela foi ficando cada vez mais vermelho, como se estivesse com dificuldade para respirar. A mudança de cor se destacava ainda mais contra os nabos *daikons* pálidos empilhados logo atrás dela.

Então, Adachi começou a parecer enjoada, e eu me preparei para recuar. Mas foi justamente nesse momento que ela reagiu, segurando meu pulso para me manter no lugar. O comportamento dela era tão confuso que comecei a suar. *O que eu deveria fazer nessa situação?*

De qualquer forma, terminamos as compras e saímos da loja, vendo o sol meio escondido atrás de uma nuvem. À medida que ele se movia pelo céu, os feixes de luz no nosso caminho iam se estreitando até desaparecerem completamente, como se alguém tivesse fechado uma porta sobre nós. Por um tempo, Adachi e eu ficamos apenas ali, observando a paisagem. Então, Adachi pegou minha mão que estava livre.

“Hã?”

A técnica dela tinha melhorado muito. Se antes ela praticamente se chocava contra mim, agora se aproximava com a graça de um avião pousando — embora, usando essa metáfora, a “decolagem” ainda precisasse de ajustes.

“Eu ia esperar, já que a gente tá carregando bastante coisa”, murmurou, olhando para o chão em explicação. Como sempre, levei um momento para entender do que ela estava falando.

“É,” respondi, enquanto as sacolas de compras que eu segurava balançavam levemente.

Então comecei a balançar nossas mãos unidas de forma exagerada. Mesmo confusa, Adachi tentou acompanhar o movimento. Ela nunca foi muito boa em entrar na brincadeira, né? Eu ainda conseguia sentir de leve onde os dentes dela tinham roçado o meu dedo. Nossos olhares se encontraram, e sorrimos; a mão dela ficou quente.

“Tá com calor?” perguntei.

“Tô.”

Sorrindo, observei seu rosto ficar vermelho até a ponta das orelhas.

***

Alguns dias depois, cheguei em casa e, como a mensagem dela tinha avisado, Adachi ainda estava no trabalho.

“Trancada…”

A maçaneta me disse tudo o que eu precisava saber. Usei minha chave para destrancar a porta, empurrei-a com o pé de forma preguiçosa e entrei. Depois de fechá-la atrás de mim, fui tomada por uma vontade imensa de desabar ali mesmo no corredor, sem nem tirar os sapatos.

“Não é como se alguém pudesse me ver… Não, melhor não…”

No momento em que eu me deitasse, não haveria garantia de que encontraria forças para me levantar de novo. Suspirei, tirei os sapatos e os deixei arrumadinhos no lugar. No entanto, ao me abaixar para fazer isso, senti as últimas gotas da minha energia despencarem para o abismo. Eu não podia me deitar ou morreria ali, mas sentar um pouco não teria problema, certo? Com esse “meio-termo” em mente, desabei sentada no chão mesmo, estiquei as pernas e me apoiei nas palmas das mãos.

“Uggghhh.” Meu cérebro tinha ficado sem combustível, e agora o motor estava engasgando. Em outras palavras… “Tô tão cansada”, reclamei para mim mesma, sem conseguir pensar em metáfora melhor.

Quanto mais eu envelhecia, mais difícil ficava simplesmente sobreviver neste mundo. Hoje em dia, já era um milagre eu estar me virando. Só de pensar em fazer as tarefas domésticas, minha vontade de viver ia embora. Quando eu era mais nova, minha mãe sempre me parecia tão preguiçosa… mas agora eu me impressionava com a capacidade dela de dar conta de tudo.

Eu deveria me sentir aliviada por estar em casa, mas, em vez disso, estava desmoronando ao perceber que, no dia seguinte, voltaria direto para o escritório, tudo de novo. Eu já estava farta disso; queria mais do que tudo ter uma crise ali mesmo no corredor, esperneando como uma criança. Mas, se fizesse isso, perderia uma parte de mim no processo, então segurei a onda. Além disso, se eu tivesse esse tipo de energia, seria muito melhor usá-la para trocar de roupa e começar o jantar.

“Tenho que fazer…”

Me levantei do chão e me surpreendi por conseguir com relativa facilidade. *Acho que não estou tão velha assim, no fim das contas.*

Já fazia uns dois ou três anos desde que Adachi e eu nos mudamos para este apartamento, e nossa vida tinha avançado num ritmo que eu considerava confortável — sem grandes saltos, mas também sem grandes tropeços. E, embora não fosse uma situação perfeita, havia tempero o suficiente para manter as coisas interessantes, e eu ainda estava aproveitando.

De pé novamente, me deparei com o ar calmo e imóvel de uma casa escura e vazia. Na verdade, eu não me importava tanto com a tranquilidade. Fixei o olhar na parede oposta e me concentrei na respiração, soltando um pouco da fadiga acumulada. Ao sentir ela escapando, estremeci com a mudança de temperatura.

Eu sabia, desde o início, que nenhuma das duas coisas duraria para sempre, mas a ideia de viver sem elas me dava vontade de gritar.

Joguei a bolsa na sala e fui trocar de roupa, optando por peças mais confortáveis, incluindo uma camiseta que eu já tinha usado incontáveis vezes ao longo dos anos. A essa altura, a gola e as mangas estavam completamente frouxas, e uma das axilas tinha um buraco do tamanho do meu dedo mindinho. Ainda assim, para mim estava perfeita.

Antes de sair para o trabalho de manhã, eu havia fechado as cortinas; agora, abri-as novamente, saudando o pôr do sol enquanto ele tingia o bairro com suas cores. Fiquei olhando para ele por um tempo, com as mãos apoiadas no parapeito da janela. Eu não tinha reparado na paisagem no caminho de volta, o que me sugeria que provavelmente voltei para casa com a cabeça baixa. De qualquer forma, fiquei feliz por ter uma segunda chance de apreciar a beleza do entardecer.

Ao abrir a janela, ouvi pássaros cantando lá fora. Infelizmente, eu não era especialista e não sabia identificá-los pelo som. Mas, pelo menos, não eram corvos. Talvez minha irmãzinha, que adorava animais, soubesse dizer quais eram. Ainda me lembrava das enciclopédias na casa dos nossos pais… só podia imaginar o que tinha acontecido com o meu quarto desde então.

“Então, vamos lá…” Passei pela sala em direção à cozinha, peguei o chá de cevada na geladeira e dei um gole. “O que vou fazer pro jantar hoje à noite?”

Adachi e eu nos revezávamos para cozinhar todos os dias, exceto quando uma de nós estava sobrecarregada com outras coisas. Meu “turno” já durava uma semana inteira, mas, bem, o fato de Adachi estar ocupada com o trabalho era algo bom.

“Traz esse dinheiro pra casa, querida…”

Cantando baixinho para mim mesma, abri a geladeira de novo e olhei as compras que tínhamos feito no fim de semana, pensando em ideias para o jantar. Adachi nunca se importava muito com o que comíamos, o que tornava o planejamento das refeições um desafio. Afinal, se eu ia me esforçar para cozinhar algo, queria que ela gostasse. Mas, não importava o que eu preparasse, ela sempre comia em silêncio, e quando eu pedia uma opinião, ela

só dizia: “Está bom.” Pedir sugestões para as refeições também era perda de tempo, porque, mesmo que ela tentasse pensar na pergunta, sempre chegava à mesma conclusão: “Qualquer coisa serve.” Na real, era mais eficiente nem começar a conversa.

Olhando para trás, percebi que entendia um pouco a mãe da Adachi. A filha dela dava uma trabalheira! A única coisa que ela parecia gostar de verdade era...

“Bem... agora eu tô corando.” Esse gosto dela não mudava há muitos anos.

“Que tal *udon*?”

“Uau!”

Quando vi quem estava ao meu lado, quase pulei de susto. Ela respondeu levantando a mãozinha em cumprimento. Nesta noite, usava pijama com estampa de vaca e chifrinhos molengas no capuz.

Pensando bem, na vida real, será que eu já vi alguma vaca com chifres?

Era a Yashiro, um criptídeo travesso e a visitante frequente na casa dos meus pais, que aparecia do nada esperando uma refeição grátis.

“Eu não sabia que você estava aqui!”

“Desculpe pela intromissão.”

“Engraçado — achei que tinha trancado a porta.”

“Ha ha ha ha ha!” Ela riu alegremente do meu comentário.

Só podia imaginar que ela tinha atravessado o chão para entrar. *Não me surpreenderia nada se fosse isso mesmo.*

“Pensei em oferecer uma solução para o seu dilema.”

“Nossa, obrigada.”

“Mas, claro, qualquer coisa serve pra mim.”

A definição de “qualquer coisa serve” da Yashiro não era exatamente a mesma da Adachi. Ela estalou os dentes azul-pálidos bem alto. Quando olhei para ela, tive a sensação de que ela tinha ficado ainda menor desde o tempo do ensino médio.

“Por que *udon*, afinal?”

“Vi na televisão à tarde.”

“Não precisa de muito, né?” Será que era a influência da minha mãe agindo?

Segurando Yashiro pelos ombros, dei uma boa sacudida — “Calma, calma, calma!” — até ficar satisfeita. Depois, olhei de novo na geladeira para verificar nossos macarrões.

“Se eu fizer *udon*, não vai ter o suficiente pra você.”

“Esse é um problema sério.”

Ficando na ponta dos pés, Yashiro espiou por trás de mim, vasculhando o conteúdo da geladeira de cima a baixo. Assim que viu o chocolate na prateleira mais alta, pulou e tentou agarrá-lo — mas eu afastei a mão dela no reflexo, derrubando o chocolate no chão.

“Você melhorou, Shimamura-san.”

Sorri orgulhosa. “Heh heh heh.” Na verdade, eu provavelmente deveria estar preocupada pelo fato de Yashiro ter pulado dois metros do chão como se fosse nada, mas decidi ignorar. Com uma mão no ombro dela para mantê-la no lugar, continuei pensando. “Ok, hum, o que você comeu no almoço hoje?”

“Comi um único pêssego.” Nada muito útil.

Puxei o arroz que sobrou da noite passada e o observei com os olhos semicerrados. “Acho que posso fazer um arroz frito.” Quando eu era criança, era isso que minha mãe sempre fazia quando não tinha ideias melhores. Não tinha muito arroz no pote, mas dava para compensar adicionando vários outros ingredientes.

“Eba!” Yashiro comemorou, como faria com qualquer outra refeição.

“Será que temos sopa de missô para acompanhar? É, achei o pó… Ok, o que mais…?”

“Eu vou pôr a mesa!” Pegando três pares de *hashis* na gaveta de talheres, ela saiu andando. Um gesto atencioso, embora um pouco precoce.

“Você aprendeu a ajudar, hein? Tô orgulhosa de você.”

“Heh heh heh. A Pequena vive pedindo minha ajuda.”

Sorrindo com satisfação, ela colocou os *hashis* organizadamente na frente de cada cadeira. Observei por um momento e depois ri, me encostando. “Como ela tá, falando nisso?”

“O que você quer dizer?”

“Hum…” Por um instante, não soube como reformular a pergunta. “Ela te dá muitos agrados?”

“Sou bem alimentada, de fato.”

“Que bom ouvir isso,” respondi, rindo, levemente preocupada com a carteira da minha irmã. “Você pode colocar umas colheres também?”

“Beleza!” Yashiro correu pela cozinha com suas perninhas curtas, colocando os talheres na mesa e voltando rapidamente para mim. Seu olhar era… cheio de expectativa.

“O quê?”

“Quando eu ajudo a Pequena, ela sempre me dá uma recompensa.”

“Sério mesmo…”

“Isso, isso!”

Entendi, obrigada. Fitei-a por um momento, depois estendi a mão e baguncei o cabelo dela.

“Ho ho ho!” Pensei que ela ia pedir mais, mas, para minha surpresa, aquilo pareceu ser suficiente.

“Hmmm…” Agora eu me sentia mão de vaca, então decidi dar um docinho para ela também.

Mastiga. Mastiga. Mastiga.

“Você tem que chupar, sabia? Assim dura mais!”

Sem mais nada para ajudar, ela começou a vagar pela cozinha sem rumo.

“Ei, hum, você tá atrapalhando um pouco.”

“Estou?”

“Vai assistir TV ou algo do tipo.”

Enquanto eu guiava Yashiro para fora da cozinha, ela levantou as duas mãos e deu um gritinho, correndo direto para o sofá. Lá, ela se jogou, pegou o controle remoto e começou a trocar de canal, só parando quando viu um comercial de comida. *Previsível*. Mas, conhecendo ela, aposto que conseguiria até ler as ondas de uma tela estática se quisesse.

“A Adachi-san vai trabalhar até tarde hoje?”

“Sim. Só um pouco. Ela leva o trabalho muito a sério.”

Não que eu não levasse meu trabalho a sério também, mas considerando que Adachi trabalhou meio período durante todo o ensino médio, ela claramente estava acostumada a se esforçar constantemente. O salário dela era maior que o meu também, então sempre que era a vez dela fazer as tarefas além do trabalho, eu não conseguia evitar me sentir um pouco folgada.

Quando decidimos morar juntas, conversamos sobre tudo — onde moraríamos, se uma ou ambas trabalharíamos, até o tamanho da geladeira e o estilo da mesa de jantar — porque, se não conversássemos, Adachi simplesmente dava de ombros e dizia que estava tudo bem com o que eu quisesse. Ela não se importava que eu tomasse todas as decisões da vida dela. Não que ela realmente precisasse se importar com isso, eu acho.

Depois que o programa de TV acabou, Yashiro logo começou a roncar no sofá. Minha irmã já tinha descrito ela como “um gato em forma humana,” e eu tendia a concordar. Sempre que podia tirar uma soneca, ela tirava. Dito isso, eu não estava em posição de falar… embora, como adulta, obviamente não podia mais dormir quando quisesse. Exceto nos fins de semana.

“Outro dia, eu dormi até às 14h, e a Adachi ficou tão pasma…”

“Que preguiçosa, Shimamura-san.”

“Fala isso a garota que está estirada no meu sofá agora.” *Você também deveria estar dormindo.*

Achei melhor ir adiantando o jantar, já que ainda tinha tempo antes da Adachi chegar, então descasquei uma cebola, piquei e comecei a fritar. Era assim que minha mãe sempre fazia arroz frito, e agora era assim que eu fazia — um daqueles detalhes bobos que não se passam pelo sangue, mas pela conexão humana.

“Já está com um cheiro delicioso.”

“É.”

“Zzzz…”

“Tira uma soneca ou conversa. Não pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo.”

Será que ela estava fazendo aquela coisa de dormir metade do cérebro enquanto a outra metade fica acordada? Eu tinha ouvido que algumas espécies de pássaros conseguiam fazer isso, e se pássaros podiam, talvez outras criaturas também.

Quando o jantar ficou pronto, sentei no sofá e joguei uma cobertinha leve em cima da Yashiro, que estava deitada ao meu lado. Um dos lados do meu corpo parecia estranhamente pesado, como se toda minha fadiga tivesse migrado para ali, e eu me inclinei para o braço do sofá. Com a boca meio aberta, fiquei olhando no vazio e admirando a vista inclinada do pôr do sol pela janela. A menor mudança de perspectiva fazia a nossa cidade comum parecer estar

flutuando no espaço — como se fosse um jogo que eu brincava só com meus próprios olhos.

“Parece a cor do curry, não acha?” comentou Yashiro. Eu não sabia o que ela estava vendo, já que os olhos dela estavam fechados.

“Curry?” repeti com um sorriso irônico. A menina não ia conseguir fugir da fama de “gulosa” tão cedo. Mais importante, o céu não era tão escuro quanto curry, então ofereci uma alternativa. “É o que eles chamam de céu “cor de caramelo”.” Ou às vezes “cor de bala”, embora eu não soubesse exatamente por quê. Talvez fosse uma referência a algodão doce, se eu tivesse que chutar.

“Sério?”

“Sério mesmo.”

“Tudo bem então. Caramelo também é gostoso.”

“É só isso que você pensa o tempo todo?”

Cutuquei a sola do pezinho dela. *Squish*.

“Zzzzrrrggg...” Agora até o ronco dela estava começando a soar estranho. Será que a imitação dela de um humano era realmente tão ruim assim, ou aquela estranheza era simplesmente o estado natural dela?

Com o pôr do sol, inevitavelmente fiquei sem coisas para fazer. Como será que minha versão mais jovem teria passado esse tempo...? Depois de um momento de reflexão, decidi que talvez fosse melhor eu mesma tirar uma soneca. Mas assim que comecei a levantar os pés no sofá, percebi que estava agindo como uma dona de casa dos anos 1950 esperando o marido chegar. Essa ideia não me agradou. Mas, se eu queria ficar acordada até a Adachi chegar, não podia ficar sentada.

Me levantando, comecei a fazer alguns exercícios aleatórios de ginástica laboral que conseguia lembrar. Antes que eu percebesse, Yashiro tinha se juntado a mim, acompanhando os movimentos com os olhos ainda fechados.

“Um, dois, três, quatro...”

“Como você decorou isso tudo?”

“Faço sempre com a Pequena.”

“Ah, espera, acho que lembro disso.”

Quando éramos crianças, houve verões em que minha irmã voltava do lugar da ginástica laboral puxando a Yashiro junto. Claro, hoje em dia, ela claramente não precisava mais ser puxada. Enquanto observava seus movimentos estranhos e flutuantes, senti como se uma gota refrescante de água fria e pura escorresse pelo meu peito.

Mais tarde naquela noite, depois de matar o tempo (e o sono também)...

“Ah. Ela chegou,” anunciou Yashiro, interrompendo sua enésima soneca para abrir um olho.

“Espera. Sério?”

Nesse ponto, eu já não me importava em questionar como a Yashiro conseguia perceber essas coisas; a experiência passada me ensinou que ela simplesmente conseguia. E, claro, quando me levantei, a campainha tocou. *Queria que a Yashiro aprendesse a fazer o mesmo*, pensei, indo até a entrada.

“Bem-vinda!”

“Obrigada.”

Já passava das oito quando minha esposa — quer dizer, Adachi — chegou em casa. Ela veio bem mais cedo do que na noite anterior e parecia muito menos exausta. Afagando a franja para longe do rosto, soltou um suspiro.

“Você teve um dia longo hoje, né?”

“Olha quem fala.”

Ela sorriu levemente, tirou os sapatos e os alinhou ao lado dos meus. Só quando nossos sapatos ficaram lado a lado percebi que os dela eram um pouco maiores. *Não é como se alguma parte do meu corpo fosse maior que a da Adachi, né? Ha ha ha. Bem, talvez o meu coração.* Depois de todos esses anos cuidando da minha irmã mais nova, eu esperava que esse fosse um ponto em que eu a vencesse com folga, mas...

“Hmmm... Não tenho certeza...”

“Hã? Do que você tá falando?”

“Ah, nada!” Mudando de assunto, peguei a maleta da Adachi. *Caramba, isso pesa.* “Você tá cansada?”

“Sim.” Ela assentiu sem hesitar. Então parou por um momento, os olhos se movendo rapidamente. Depois, olhou para mim de novo, piscando rápido.

“O quê...?”

“Hum, quer dizer…! N-nunca vou me cansar de chegar em casa e te ver...!”

Era claramente uma frase que ela inventou na hora e ficou envergonhada demais para terminar. Achei aquilo estranhamente animador. “Ah é? Então manda a sua frase de efeito.”

“Hã?!”

Será que era mesmo um pedido tão surpreendente quando, pelo que eu sabia, repetíamos essa conversa quase toda semana? Adachi olhou para o chão, pensando. Então, finalmente, ela levantou o olhar… e me abraçou.

“O quê—?”

“Força!”

“Uou!”

“Estou ótima, minha namoradinha!”

Sorrindo de orelha a orelha, ela me ergueu no ar. Eu senti seus músculos firmes contra minhas costas e dei risada, chutando os pés que balançavam. Nesse ponto do nosso relacionamento, bastavam poucas palavras para nos fazer sorrir.

Depois de me baixar, ela riu fraco. “Viu? Estou ótima.”

“Poxa, desculpa te cansar assim,” respondi, fingindo fazer bico enquanto sentia a energia dela me renovar. “Eu sou assim tão pesada?”

“N-não! Pelo menos, acho que não! Não sei!” ela respondeu, depois virou e saiu andando. Quando fui atrás, ela saiu correndo; para mostrar que eu não estava para trás, comecei a correr também. Na verdade, só fiquei aliviada de saber que ela não estava completamente exausta.

“Bem-vinda,” Yashiro a cumprimentou do sofá.

Adachi parou de repente. “Ah. Você de novo.”

“Sim. Boa noite.”

Ela olhou para o cabelo azul brilhante da garotinha. “Você estava nos escutando?”

“Estou ótima, minha namoradinha!” respondeu Yashiro. Então ouvi um som de avanço, seguido de: “Ho ho ho! Você também pode me levantar, se quiser.”

“Passo.”

Apesar da Adachi beliscar suas bochechas, Yashiro ainda sorria. Enquanto isso, eu deixei a maleta da Adachi no chão. Fiquei feliz de ver que elas estavam se dando bem ultimamente.

“Vai se trocar enquanto eu faço o jantar.”

“Ok. Obrigada.”

Ela foi para o quarto, deixando Yashiro ali, com o rosto todo esticado como uma sacola de cordão. A pequena alienígena caminhou até a mesa de jantar, pegou um *hashi* em cada mão e fez pose. “Shing! Estou preparada.”

“Arruma essa cara enquanto espera.”

“Opa.”

Ao meu comando, ela começou a massagear as bochechas para voltar ao formato normal. *Será que ela é feita de massinha ou algo assim?* Ignorando isso, comecei a preparar o arroz frito.

“Pensando bem, a Pequena também está aprendendo a cozinhar.”

“Espera. Ela tá?”

“Para fazer guloseimas deliciosas para mim.”

“Que sorte a sua.”

“Sim. Estou ansiosa por isso!” ela exclamou, radiante.

Essa minha irmã deve mesmo gostar muito dessa garota, pensei. Quando ela estava na escola primária, as duas pareciam umas amiguinhas fofas, mas agora eram mais como… irmãs, talvez? Mal podia imaginar como essa relação iria evoluir nos próximos cinco ou dez anos. Afinal, por mais que minha irmã envelhecesse, eu tinha quase certeza de que a Yashiro continuaria exatamente a mesma… Minha visão do futuro estava cheia de buracos, como queijo suíço, deixando muito a refletir enquanto eu cozinhava o jantar.

Foi então que Adachi entrou, já trocada e com suas coisas guardadas.

“Então, como tá indo o trabalho extra?” perguntei.

“Já tá quase acabando,” respondeu ela, sentando-se à mesa. Depois de dar uma rápida olhada na comida, olhou para mim. “Na próxima semana, eu cozinho para nós.”

“Também estou ansiosa por isso!” comentou Yashiro, já enchendo a boca de arroz. Adachi lançou-lhe um olhar estranho, mas Yashiro continuou comendo, estalando os lábios bem alto.

“Ha ha ha…” Desviando o olhar, ri meio sem jeito. Yashiro costumava ser como uma irmãzinha para mim, mas nossa diferença de idade aumentou tanto que eu meio que a via como nossa filha. “Não, não, não.” Filha era exagero, com certeza. Yashiro e eu não tínhamos nada a ver uma com a outra — principalmente o cabelo.

“O quê?” Sentindo meu olhar, Yashiro levantou os olhos, com a colher a meio caminho da boca.

“Nada. Como tá o sabor?”

“Como o destino.” Isso, eu tinha aprendido, era o jeito dela dizer que estava satisfeita. “Na verdade, me lembra a comida da Mamãe-san.”

“Você acha? Hmm… Bem, acho que faz sentido.”

Era um sabor com o qual eu cresci, afinal. Talvez alguém assumisse que eu iria aos poucos ajustar minha culinária ao gosto da Adachi, mas ela nem tinha muitos gostos assim. Tirando comidas amargas — que ela evitava — ela comia tudo em completo silêncio. Era parecido com o jeito que ela se comportava perto dos outros.

“Como tá o sabor?” perguntei de novo, dessa vez para a Adachi.

“Uh, bom,” ela respondeu — tão sem graça que eu sorri, exasperada. Um momento depois, ela ofegou, percebendo algo. Olhou para cima. “Tipo… d-destino!”

Obrigada por entender a situação, mas… “Não precisa falar assim, tonta,” respondi, dando um tapinha na cabeça da tonta em questão. Yashiro estava tão concentrada na comida que só lançou um olhar ao redor da mesa e forçou uma risada. Às vezes ela me parecia estranha de um jeito totalmente diferente — como se estivesse usando uma resposta pronta que não combinava muito.

Logo, nós três terminamos de comer.

Yashiro levantou a mão. “Agora vou voltar para casa,” anunciou. Eu esperava isso, claro. Ela não podia passar a noite aqui, porque minha irmã começaria a sentir saudades… ou pelo menos era o que ela sempre dizia.

“Mande lembranças para minha irmã, tá?”

“E como você manda lembranças para ela?”

“É uma expressão… Deixa pra lá. Quando você a vir, só diga: Lembranças.”

“Fechado!”

Minha irmã ia ficar bem confusa. Eu certamente ficaria. “E toma cuidado no caminho de volta.”

“Eu sei disso.”

“Isso significa que você precisa tomar cuidado com os pedestres, entendeu?”

Supondo que ela planejava correr direto para a casa dos meus pais, era bem provável que ela acabasse esbarrando em alguém. Ou fosse pega por algum estranho. De qualquer forma, as pessoas ao redor dela eram mais um perigo para ela do que ela para elas.

E assim, lá foi ela, sem o menor disfarce de que tivesse vindo por qualquer motivo que não fosse uma refeição grátis. Eu suspeitava que, quando chegasse na casa dos meus pais, ela também jantaria lá. Tudo o que ela fazia era comer e dormir o dia inteiro, como um gorila, só que muito fofinha... Não que gorilas comuns não fossem fofos, mas...

“O que estou pensando...?” Franzi a testa e voltei para a sala, onde encontrei Adachi caída encostada no sofá. “Adachi?”

“Ah...? Desculpa, fiquei viajando,” respondeu ela, sentando-se direito. Depois de estar cheia, a fadiga parecia ter tomado conta.

Meu olhar se desviou timidamente por um momento. Então sentei ao lado dela e suavemente ajeitei sua cabeça e ombros no meu colo, onde ela se acomodou sem protestar. “Não sei se isso vai te fazer sentir melhor, mas vale tentar,” expliquei enquanto passava os dedos pelos seus cabelos. A Adachi que eu conhecia antes já estaria embaraçada agora, mas hoje à noite ela parecia não ter energia para isso. Seus olhos acompanharam meus movimentos com calma por um tempo antes de se fecharem.

“É... muito reconfortante.”

“Que bom ouvir isso.” A escolha de palavras dela também me acalmou, e decidi não pensar na pilha de pratos na pia da cozinha.

Enquanto eu a acariciava com toda a delicadeza de uma massagem nas costas, suas pálpebras pareceram pesar e seus olhos se fecharam. Então seus lábios se moveram — desajeitadamente, como se falasse dormindo. “Como você... tá indo no trabalho?”

“Hmm... bem, acho? Tudo como sempre.” Era tudo que eu podia dizer, já que não tinha feito nada de notável. Eu basicamente fazia o mínimo indispensável no trabalho; não era diferente de quando estava na escola.

“Isso é bom.”

“É.”

Enquanto conversávamos distraidamente, mexi os pés. Seguiu-se um momento de silêncio. Por um segundo, pensei que Adachi pudesse ter adormecido, mas evidentemente ela ainda não tinha desistido. “Provavelmente tem uma forma melhor de perguntar, mas... acho que nunca vou ser boa de papo,” murmurou, zombando de si mesma.

“Não. Acho que você melhorou muito ao longo dos anos.”

“Sério?”

“Você não lembra como era antes? Nossa.” Pensando bem, eu provavelmente conseguiria lembrar de um momento constrangedor para cada estrela no céu. Essas lembranças me faziam rir alto.

“Ei. O que é tão engraçado?”

“Foram bons tempos, só isso.”

“Olha... admito que eu era meio bagunçada naquela época, mas...”

“Meio?” repeti, incrédula.

Ela ficou em silêncio, como se fingisse estar dormindo, e não pude evitar rir da sua teimosia. Em todo esse tempo, a chama da sua paixão não tinha diminuído nem um pouco, então eu estava feliz em esperar o tempo que fosse necessário.

Quando ela falou de novo, mudou de assunto com um esforço tremendo, obrigando os lábios a se moverem. “Vamos focar nas nossas carreiras por enquanto... Mas quando as coisas se acalmarem, a gente devia viajar de novo.”

“Outra viagem?”

“Sim.”

Outra jornada com a Adachi para uma terra distante à nossa escolha — uma metáfora para o nosso relacionamento.

“Pra ser sincera, não me importa pra onde a gente vai,” ela disse.

“Eu sei.”

“O que importa mesmo é que eu tô com você, Shimamura.”

“Uhum.”

Suspeitava que, se a Adachi algum dia fosse passar férias sozinha, ela não aproveitaria nem um minuto. Na verdade, era difícil imaginar que ela pudesse se sentir bem com qualquer coisa que não fosse eu — o que soava arrogante, eu sei, mas já tinha visto emoções dela de perto o suficiente para saber que não era tão absurdo assim. Ela e eu estávamos ligadas pelas pontas dos dedos.

“Talvez a gente devesse sair pra algum lugar no próximo fim de semana,” sugeri. Seria como um passo para uma viagem maior.

“Onde…?” ela perguntou, sonolenta.

“Qualquer lugar serve pra mim! Pra onde você gostaria de ir?” perguntei, mesmo sabendo que provavelmente ela não teria uma resposta.

No ensino médio, foi a Adachi quem espontaneamente me convidou para uma viagem ao exterior. Para o bem ou para o mal, ela sempre tomava a iniciativa rápido... Pensando bem, essa atitude teria me ajudado muito agora.

Depois de mais um longo momento de silêncio, olhei para baixo e vi que seus olhos e lábios estavam firmemente fechados. “Acho que ela adormeceu.” Gentilmente, afastei o cabelo longo do rosto dela. Com minha mão bloqueando a visão, ela quase parecia uma adolescente de novo.

Cada vez que recordava o dia em que nos conhecemos, parecia inalcançável, mas também apenas um passo de distância. Estranhamente, eu não conseguia decidir entre uma coisa ou outra. Talvez fosse porque nós duas tínhamos caminhado essa longa estrada lado a lado.

Então, onde acabaríamos?

Já fiz essa pergunta a mim mesma dezenas de vezes, e quando Adachi propôs que morássemos juntas, me perguntei de novo. No fim das contas, isso não importava, porque descobri que estava disposta a segui-la para onde fosse.

***

“Não íamos para (quase) qualquer lugar, minha querida Adachi-chan?”

“Hoje eu prefiro ficar bem aqui.” A resposta murmurada veio de uma proximidade quase sufocante. Ela estava sentada entre minhas pernas, olhando para frente, o cabelo roçando minha bochecha.

“Entendo.” *Bem, se é isso que ela quer.*

Naquele domingo, ainda não havíamos saído do nosso condomínio. Estávamos enroscadas no sofá, passando o tempo. E quando perguntei o que ela queria fazer, ela respondeu que queria me transformar na sua poltrona pessoal.

Olhei para o espaço vazio ao nosso lado. Esse sofá era mais do que grande o suficiente para duas pessoas sentarem lado a lado, então, com as duas enroscadas em um só assento, parecia enorme demais... ou talvez estivéssemos apenas sendo econômicas com o espaço. Quando nos sentamos, Adachi se encolheu para não me esmagar, mas agora ela estava tão exausta que confiou todo seu peso em mim, e eu pressionei meus lábios contra seu ombro.

Ainda havia bastante tempo até o dia acabar; o sol mal tinha subido no céu. Por algum motivo estranho, esse pensamento me encheu de calor. O lado ruim, no entanto, era que o clima de maio já estava quente o suficiente, então, de certa forma, eu me sentia sufocada por um labrador carinhoso. Se eu dissesse isso em voz alta, Adachi ficaria brava comigo?

“Como um cachorro...” As palavras escaparam sem querer. *Opa*. Eu tinha o mau hábito de falar sem pensar.

“O quê?”

“Eu disse, hum... eu gosto de cachorros. Eles são fofos.”

“Ah... hum... é.”

Ela não parecia muito animada, o que não me surpreendia. Ter apenas um interesse no mundo todo era mais fácil? Ou era deplorável? De qualquer forma, eu tinha o poder de moldar toda a vida da Adachi, e isso era uma grande responsabilidade.

Não havia muito mais a dizer sobre cachorros, então fiquei ali, perdida no vazio — pelo menos até Adachi tentar continuar a conversa.

“Você já pensou em ter um cachorro?”

“Hmm…” Antes que eu pudesse impedir, o fantasma de um velho amigo apareceu diante de mim. Esperei até que ele se virasse para me olhar, então fechei os olhos suavemente. “Neste lugar não são permitidos animais de estimação.”

“Ok, mas e se permitissem?”

“Mesmo assim, acho que não gostaria de ter um. É muito difícil se despedir.” No passado, eu teria feito qualquer coisa para evitar responder essa pergunta, mas com a Adachi, fui honesta. “Nada é pra sempre, e isso é horrível.” Por isso eu lutava tanto para garantir que as coisas sempre terminassem de um jeito positivo — mesmo que isso significasse mentir para mim mesma.

Penteei o cabelo da Adachi, os fios levemente frios deslizando entre meus dedos.

“Mas se tudo fosse sempre igual” — a cabeça dela balançou um pouco — “eu nunca saberia que dizer adeus poderia ser tão difícil assim.”

Ela se virou para me olhar.

“Não importa o que aconteça, estou feliz por ter te conhecido, Shimamura,” declarou, enquanto as bochechas começavam a corar, seu rosto como um jarro lentamente se enchendo de líquido escarlate. “Eu… eu te amo.”

Havia algo belo na forma como ela se destruía. Nesse ponto, aquilo era quase uma forma de arte.

“Ob-obrigada?”

Será que ela achava que eu não ficaria sem jeito, considerando que estávamos tão próximas que nossos fios de cabelo se entrelaçavam? Mas, com seu poder, ela podia me deixar sem graça de qualquer distância. Ela me encarava, esperando pacientemente que eu cumprisse sua ordem silenciosa, e quando encontrei seu olhar, disse o seguinte:

“Também te amo. Do mesmo jeito de sempre.” Como de costume, escolhi encerrar com a poesia do para sempre.

No entanto, Adachi não ficou satisfeita. “Só “do mesmo jeito”?”

“O quê?”

“Bem... eu meio que queria que você me amasse mais do que antes.”

“Que garota gananciosa, né, Adachi-chan?”

Mas talvez fosse isso que tornasse nossa vida juntas valiosa. Afinal, se eu quisesse ficar sempre no mesmo lugar, era para isso que serviam as memórias.

“De agora em diante, prometo melhorar.” *Pensar mais em você... e no caminho que temos pela frente.* “Fechado?”

“É.” Ela parecia satisfeita, apesar do meu tom despreocupado.

Mas quando vi aquele olhar sério nos olhos dela, senti vontade de transformar tudo em uma brincadeira. “Além disso, quer dizer... um cachorro já basta pra vida toda, não acha? Se a gente tivesse outro, ela ia ficar com ciúmes! Haha!”

“Espera... você tá falando de mim?” Adachi perguntou, apontando para si mesma, com os olhos arregalados de confusão.

“Ha ha ha!”

Ela fez bico, irritada com a minha risada. “Eu não sou nada parecida com um cachorro.”

Em certa época, eu sempre a imaginava com um rabo abanando. Até hoje, às vezes a imagino com orelhas caídas. “Você era tão fofa naquela época...”

“E agora?”

Pega de surpresa, quase soltei o pensamento que acabei de ter sobre suas orelhas caídas. “Hã?”

“Eu não sou... mais fofa?”

Quando olhei para o cachorrinho triste em questão e a vi me encarando ansiosamente, não pude evitar de rir. “Você é adorável.”

Enquanto acariciava seu cabelo, ela fechou os olhos e aceitou em silêncio. Considerando sua personalidade, parecia tão estranho ela ser mais alta que eu, mas havia algo aconchegante nesse contraste.

“Isso é bem legal.”

Já tínhamos um pet grudento, e acredite, eu estava relativamente contente com isso. Afinal — embora eu não pudesse provar — estava razoavelmente confiante de que Yashiro não morreria antes de mim, e esse pensamento me tranquilizava. Eu precisava de pelo menos uma pessoa que sobrevivesse mais do que eu para que, depois que o longo e sinuoso rio do tempo desgastasse tudo mais na minha vida, eu não precisasse me sentir sozinha. De novo, não havia prova de que eu viveria mais que todo mundo. Mas, como eu dormia mais que a maioria, suspeitava que isso era possível.

Esperei a Adachi se virar para frente e disse: “Às vezes eu sinto que… o sentido de encontrar alguém é tentar fazer algo com isso. E não estou falando só de você e eu.”

De vez em quando, me dominava uma convicção gelada que me dava arrepios na espinha, me instigando a deixar minha marca no mundo.

“Uhhh…”

Eu sabia que precisava dizer algo a mais. Por parte dela, a Adachi não demonstrava nada além de puro espanto. Para ser justa, o desejo que eu expressei provavelmente não fazia sentido para alguém que sempre vive no momento. Ainda assim, era algo que eu admirava profundamente nela.

“Pensando bem, deixa pra lá.”

Dando de ombros, voltei a enterrar meu rosto no ombro da Adachi, com os olhos semicerrados pela luz do sol. Lá fora, o céu continuava claro e azul.

***

“O que vai ser hoje...?”

Mais tarde naquela noite, eu estava em frente à geladeira, de braços cruzados, pensando em voz alta. Enquanto fazia isso, ouvi...

“Que tal macarrão *hiyamugi* bem geladinho?”

“Você de novo?” E dessa vez, ela apareceu do nada, pousando nos meus ombros. Mas eu nem tinha percebido que ela estava ali até ela falar. “Você realmente ama macarrão, hein?”

“Eu amo toda comida.”

“Bom. Isso facilita as coisas.”

Partículas azul-céu flutuavam como esporos vindos do corpo leve dela. Quando peguei uma delas no dedo, derreteu, talvez pelo calor do meu corpo. *Será que o corpo dela é todo feito disso?* Eu ainda não tinha visto os vastos confins do universo, e provavelmente nunca veria, mas por um momento parei para refletir sobre isso.

“Hoje no almoço, comi uma maçã.”

“Não perguntei.”

Ela deslizou pelo meu corpo até o chão, depois olhou para mim, com os olhos mais brilhantes do que nunca. “Oh ho! Parece que você decidiu.”

Será que aqueles olhos viam tudo, ou eu era simplesmente tão óbvio? Assenti. “Quero fazer algo que a Adachi goste.”

Dar a ela mais coisas para amar — mais coisas para pensar sempre que pensasse em mim — era meu objetivo de agora em diante.

“Eba!” Yashiro levantou as duas mãos no ar. Ela parecia fazer isso só no reflexo; ainda assim, havia algo ali um pouco encorajador.

***

“Se eu tivesse que escolher, diria que você se parece mais com a Shimamura-san.”

“Ah, é? Você acha mesmo?”

Enquanto Yashiro continuava a história da noite passada aos poucos, terminei de arrumar tudo e a enfiei na minha mochila gigante. Parece loucura, mas ela realmente cabia; só a cabeça dela ficava para fora. Quando perguntei se ela estava bem com isso, ela disse que era melhor do que ter que andar. *Tem certeza de que não está apertado? Tá bom então.*

Embora a mochila fosse quase maior que eu, eu a joguei nos ombros — antes de lembrar de algo e colocá-la de volta no chão.

“Hã?”

“Bem, não quero que você se machuque se cair.” Enquanto falava, coloquei um capacete na cabeça dela — amarelo, com um nome na frente que eu não reconhecia. Quando o capacete deslizou sobre o cabelo dela, uma nuvem de partículas subiu no ar.

“Muito obrigada.”

Eu não sabia o que aquilo significava, mas parecia um agradecimento, então assenti. “Uhum.” Depois, coloquei a mochila de volta nos ombros e parti de verdade desta vez, pedalando com força.

Como a gasolina está escassa hoje em dia, a bicicleta é uma opção valiosa de mobilidade, permitindo que eu viaje enquanto minha resistência física deixar. Quando os pneus inevitavelmente furavam, eu encontrava outra bike e seguia em frente. Quantas já tinha passado por isso até agora? Lembro da primeira, com quadro vermelho, mas das outras que vieram depois, nenhuma. Eu andava a pé até encontrar uma bicicleta funcionando, pedalava até ela quebrar, e voltava a andar... repetidamente, sem ficar muito tempo no mesmo lugar.

No começo, a bike tremia sobre as rachaduras do asfalto, mas com o tempo o deslizamento foi ficando suave. A cada solavanco, uma nova onda de partículas azuis me envolvia por trás — sim, mesmo enquanto avançávamos. A física disso não fazia muito sentido para mim. Meus olhos seguiam a trajetória das partículas rumo ao céu tangerina estagnado enquanto elas queimavam as nuvens e envolviam suavemente tudo que ficava para trás.

“Parece que este planeta tem um céu cor de caramelo.”

“‘Caramelo’?” repeti.

“Não soa apetitoso?”

Yashiro estava claramente entretida consigo mesma. Eu geralmente entendia o que ela dizia, mas de vez em quando ela soltava uma palavra que eu nunca tinha ouvido antes. Alguma língua de outro planeta, talvez. De qualquer forma, esse tal céu “cor de caramelo” servia como pano de fundo constante para ruínas intermináveis e folhagens tomadas, tudo pintado em um tom de pôr do sol que me fazia querer desviar o olhar de imediato.

O mundo estava desmoronando.

“Também é a cor do curry... Até hoje, acho que ninguém jamais fará um curry melhor que o da Mamãe-san.”

“Ah é?” Eu não fazia ideia do que ela estava falando, mas parecia uma lembrança boa. Por mais alegre que soasse, percebi uma leve inflexão contrastante na voz dela. “Você disse que todas as suas histórias se passam em outro planeta, né?”

“Sim. Aquele que visitei antes de vir aqui.”

“Você está em outro nível, mesmo.” Se a gente acreditasse nela, ela teria viajado pela galáxia sozinha, como uma espécie de alienígena. “Tá, me prove que você é do espaço sideral.”

“Quer que eu te leve lá?”

“Hmm... não, obrigada.” *Não se tiver mais de você por aí. Já tenho bastante problema só conseguindo comida para você.* “Mas o que em mim se parece com ela, afinal?”

“O fato de você me alimentar.”

Será que isso era uma forma dela me chamar de fácil? “Você só se importa com isso, né?”

“‘Isso o quê?”

“Comer.”

“Ah, sim. Ouço isso o tempo todo.” Eu quase podia sentir ela estufar o peito com orgulho.

“Bem, você que sabe. Não tô julgando.”

“Também não é a primeira vez que ouço isso.”

“De quem você ouviu? Daquela garota com quem eu me pareço?”

“De fato.”

“Hm.”

Mais uma vez, me peguei desejando poder conhecer essa garota — mas, como isso não era possível, talvez esse desejo fosse o que me movia a buscar outras pessoas neste planeta.

Felizmente, as estradas eram mais que seguras o bastante para um papo bobo durante o caminho. A fauna havia diminuído tanto que o planeta inteiro era pouco mais que um jardim botânico.

Mas, embora eu tivesse começado essa jornada sozinha, agora éramos duas. E, apesar da Yashiro não ser especialmente útil na maioria das situações, suspeitava que seu valor estava nas histórias sobre outro planeta. As garotas que ela mencionava eram tão familiares para mim que, de algum modo, pareciam as primeiras amigas que já tive.

“Uma presa fácil de 3.700 anos atrás, hein?”

“Talvez tenha sido 37.000 anos atrás.”

“Ah, qual é.” Para mim, essa parecia uma discrepância enorme, mas talvez não fosse para ela.

“Lembro distintamente do três e do sete.”

“Como diabos você conta...?”

Em resposta, ela mexeu suas pequenas mãos ao redor do meu rosto para me mostrar o “três” e o “sete”, respectivamente. Quanto a como ela podia mostrar o número sete com uma mão só — estava escrito na palma dela, obviamente.

“Enfim, faz a gente pensar, né?”

“Como é?”

Considerando que aquelas garotas viveram milênios atrás, bem... “Elas já se foram há muito tempo, não é?” perguntei, escolhendo propositalmente uma forma mais indireta de dizer.

Como vivi minha vida inteira sozinha, eu realmente não sabia como era perder alguém. Dito isso, eu já tinha visto aquelas filmagens antigas com todas aquelas pessoas, e não podia fingir que aquilo não me tocava. Enquanto refletia sobre isso, as rodas da bicicleta giravam emitindo um assobio suave.

“De fato.” Essa foi toda a reação dela — calma e serena, como sempre.

Meu olhar vagueou para cima distraidamente. Às vezes, me perguntava se aquela alienígena sentia emoções.

“Devo dizer, está sendo bem difícil encontrá-los, não é?” ela perguntou.

“Tenho visto sinais de atividade aqui e ali. Com certeza devemos encontrar alguém a qualquer momento.”

Chegamos a uma pequena subida onde um pedaço irregular de terra se elevava do resto, e minha voz ficou tensa junto com minhas pernas. Me inclinei para frente e me agarrei à bicicleta com toda força, nos impulsionando para cima, suportando até finalmente alcançarmos o topo.

“Uggghhh! Eu só quero encontrar outro humano!”

Tirando os pés dos pedais, estiquei as pernas e deixei a gravidade nos levar ladeira abaixo. O ar quente e estagnado finalmente começou a circular, soprando quente através do meu cabelo.

“Ho ho ho! Mas você tem a mim!” insistiu a criatura decididamente não humana.

“Um humano cuja face não seja estranhamente elástica, então!”

“O que você vai fazer quando encontrar um?”

“Não sei.” Pelo menos, eu não iria esticar o rosto dessa pessoa — provavelmente. “Só sinto que preciso encontrar alguém, senão... nada vai acontecer na minha vida.”

Claro, talvez isso fosse só o que eu dizia para mim mesma para continuar. Quanto ao que eu faria quando chegasse a hora — bem, eu seguiria meu instinto. Afinal, não havia garantia alguma de que encontraria outros sobreviventes.

Nossos ancestrais haviam chegado a este planeta, cultivado a terra, construído moradias para si, e depois aparentemente decidiram que era um lugar “insuportável” — impróprio para sustentar a vida, se eu tivesse que arriscar um palpite. Assim, os últimos resquícios da humanidade nos abandonaram. Agora, tudo que eu queria era a chance de me conectar com alguém antes que fôssemos extintas.

“Por que você veio para este mundo podre, afinal...?”

“Com licença?”

“Você disse que seu último planeta era cheio de vida, certo?”

Claro, poderia parecer claustrofóbico se tantas pessoas estivessem espremidas no mesmo lugar. Mas elas não precisariam ficar se movendo o tempo todo — poderiam se estabelecer e construir uma comunidade umas com as outras. Aí me ocorreu: será que a perda daqueles queridos vizinhos foi o que talvez afastou minha companheira?

Finalmente, ela falou. “Bem, veja... Eu fiz um acordo com a Shimamura-san.”